

Rebena

Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem

v.2 (2021)

Os Desafios dos Tradutores – Intérpretes de Libras no Processo de Inclusão dos Alunos Surdos nas Aulas de Língua Portuguesa em Tempos de Pandemia

The Challenges of the Translators - Interpreters of Libras in the Process of Inclusion of Deaf Students in Portuguese Language Classes in Times of Pandemic

Maria Durciane Oliveira Brito¹ Juliana Augusta de Oliveira²
Mateus José Ribeiro³ Maria Clara Assis Carvalho⁴
Maria Cristina Barbosa Pereira⁵

RESUMO

Essa pesquisa tem como tema os Desafios do Tradutor – Interprete de Libras no processo de inclusão do aluno surdo nas aulas de língua portuguesa em tempos de pandemia; tem como objetivo geral: conhecer as dificuldades do interprete de Libras no processo de interpretação na disciplina de português no período de Pandemia, e, como específicos, averiguar as principais estratégias utilizadas pelo profissional no ensino da disciplina de português, analisar as novas tecnologias utilizadas como forma de recurso na interpretação e refletir sobre a necessidade de materiais em Libras para a disciplina de português. Para responder a esses objetivos a pesquisa é realizada em uma escola da rede estadual da cidade de Parnaíba-PI. Para aprofundar-se no tema foi realizado um levantamento bibliográfico, bem como um aprofundamento nas leis que abordam sobre o tema, como por exemplo a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002; o Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Libras; a Lei 18.913 de 2020 e autores como Goldefeld (2002), Quadros (2004), Perlin (2006), dentre outros. A realização da pesquisa foi através do aplicativo WhatsApp, por conta da Pandemia do Covid-19; e ao decorrer dessa pesquisa notou-se a grande dificuldade do profissional no processo de interpretação em tempos de pandemia.

Palavras-chave: Intérprete de Libras; Língua portuguesa, Pandemia, Covid-19.

ABSTRACT

This research has as its theme the Challenges of the Translator - Interpreter of Libras in the process of inclusion of deaf students in Portuguese language classes in times of pandemic; has as general objective: to know the difficulties of the interpreter of Libras in the interpretation process in the Portuguese language subject in the period of Pandemic, and, as specific, to investigate the main strategies used by the professional in teaching the Portuguese language subject, analyze the new technologies used as a resource in interpretation and reflect on the need for materials in Libras for the Portuguese language subject. To answer these objectives the research is conducted in a state school in the city of Parnaíba-PI. To delve deeper into the

¹Universidade Tecnológica Intercontinental – UTIC. durciane@hotmail.com

² Universidade Estadual do Piauí. juliana_augusta@hotmail.com

³ Universidade Estadual do Piauí. mateusprimeiroosteus@hotmail.com

⁴ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI Campus Parnaíba – PI maclaraquimica@gmail.com

⁵ Universidade Federal do Piauí. cristinapereirabp4@gmail.com

subject a bibliographic survey was conducted, as well as a deepening in the laws that address the issue, such as Law 10.436 of April 24, 2002; Decree 5.626 of December 22, 2005, which regulates the Libras; Law 18.913 of 2020 and authors such as Goldefeld (2002), Quadros (2004), Perlin (2006), among others. The research was conducted through the WhatsApp application, because of the Covid-19 Pandemic; and during this research it was noted the great difficulty of the professional in the interpretation process in times of pandemic.

Keywords: Libras Interpreter; Portuguese Language, Pandemic, Covid-19.

1. INTRODUÇÃO

O ensino de Língua portuguesa na modalidade escrita é obrigatório para os alunos surdos, como aborda a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, no parágrafo único diz: “A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”. Porém, esse ensino ainda é algo preocupante pois a grande maioria dos surdos só tem contato com a língua portuguesa na escola e só começa a compreender quando tem a presença do interprete de Libras em sala de aula; antes disso, ele é apenas inserido em sala de aula e fica sem compreender o que está sendo abordado pelos docentes.

De acordo com o Decreto Federal no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que estabeleceu, entre outros assuntos, a obrigatoriedade das escolas possibilitarem aos alunos surdos uma educação bilíngue, na qual a Língua Brasileira de Sinais é a primeira língua e a Língua Portuguesa é a segunda, trouxe a língua de sinais para a educação depois de quase cem anos de proibição.

Antes das políticas públicas de inclusão, o surdo só tinha acesso ao português na modalidade oral, isso por conta do Congresso de Milão em 1880, onde obrigatório o uso do método oralista em todo o mundo, proibindo assim o uso da língua de Sinais.

Ainda que o acesso à educação já seja universalizado, continuam sendo excluídos indivíduos fora dos padrões historicamente considerados adequados pelas escolas e, muitas vezes, professores utilizam de técnicas antigas no processo de ensino em sala de aula. Com base nisso, o foco desse trabalho está nas dificuldades e estratégias utilizadas pelo interprete de Libras na disciplina de português com alunos surdos, especificamente de uma escola da rede estadual da cidade de Parnaíba-PI.

Esse foco dado à disciplina de Português se dá pelo fato de ela ser de fundamental importância no processo de ensino e aprendizagem do ser

humano, uma vez que precisamos dela em todos os aspectos de nossas vidas. Tal necessidade é histórica, uma vez que com a saída dos holandeses em 1654, o português passou a ser a única "Língua de Estado" do Brasil e a Libras oficializada com segunda Língua.

Por conta do momento que o mundo está passando, por causa da Covid-19 (Corona Vírus), a pesquisa foi realizada através de entrevista com a interprete de Libras através do aplicativo WhatsApp, meio mais prático e de maior acesso e alcance para as finalidades deste trabalho.

As aulas estão acontecendo de forma remota como aborda a portaria Nº 109 / 2020 no artigo 1º, que trata a suspensão das aulas e como determina o decreto Estadual Nº 18.913 /2020, que estabeleceu em seu artigo 1º a prorrogação de suspensão das aulas da rede pública estadual.

Após a prorrogação do decreto 18.884 de 16 de março de 2020, muitas escolas buscaram alternativa para não terem prejuízos pedagógicos no calendário letivo. Desse modo, a SEDUC regulamentou/oficializou estratégias e diretrizes com a previsão de aulas em regime especial não presenciais, emergencialmente remotas. Como medida preventiva à disseminação da doença COVID-19, enquanto está perdurar, as portarias SEDUC-PI/GSE/ADM Nº 115/2020 e SEDUCPI/GSE Nº 228/2020 expedem estratégias e diretrizes sobre o regime especial de aulas não presenciais nas escolas da Rede Pública Estadual de Ensino, definindo essencialmente a manutenção das atividades pedagógicas sem a presença de estudantes nas dependências escolares.

Com base nisso, esta pesquisa tem como objetivo geral conhecer as dificuldades do intérprete de Libras no processo de interpretação na disciplina de português no período de Pandemia e como específicos averiguar as principais estratégias utilizadas pelo profissional no ensino da disciplina de português, analisar as novas tecnologias utilizadas como forma de recurso na interpretação e refletir sobre a necessidade de materiais em Libras para a disciplina de português. Para responder a esses objetivos a pesquisa é realizada em uma escola da rede estadual da cidade de Parnaíba-PI.

2. PERCURSO HISTORICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Durante anos os surdos tiveram suas vidas decididas e direcionadas por ouvintes, praticamente em toda a história, sempre com o objetivo principal de

fazer com que o surdo falasse e ouvisse. Na antiguidade os surdos eram vistos como castigo divino, condenados à morte, usados como mão de obra escrava, sem direito ao ensino, visto que eram tidos como seres incapazes de aprender.

A ideia que a sociedade fazia sobre os surdos, no decorrer da história, geralmente apresentava apenas aspectos negativos. Na antiguidade os surdos foram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas, e por isso eram abandonados ou sacrificados. Até mesmo na Bíblia pode-se perceber uma posição negativa em relação à surdez (GOLDEFELD, 2002, p.7).

Ao decorrer dos anos alguns pesquisadores começaram a pesquisar metodologias de ensino para os surdos, seja através da língua oral, seja através da língua de sinais.

O monge Beneditino Pedro Ponce de Leon, na Espanha, foi o primeiro professor de surdos, além de criar o alfabeto bi-manual. Beneditino ensinava as crianças surdas a escrita e oralização.

Juan Pablo Bonet, também espanhol, publicou os três primeiros livros sobre a educação de surdos: 1º livro espanhol fala de “Reduccion de las letras y artes para enseñar a hablar a los mudos”, aborda sobre a invenção do alfabeto manual de Pedro Ponce de Leon; o 2º livro é o primeiro livro em inglês sobre a língua de sinais universal e os elementos icônicos e o 3º livro afirma que a língua de sinais expressa o mesmo conceito da língua oral.

Em meados da década de 1750, Charles Michel de L'Épée fundou um abrigo para ensinar os surdos. L'Épée defendia que a educação de surdos deveria ser pública e gratuita. Segundo Goldefeld (2002), L'Épée se aproximou dos surdos que perambulavam pelas ruas de Paris, aprendeu com eles a língua de sinais e criou os “sinais metódicos”, uma combinação da língua de sinais com a gramática sinalizada francesa.

O abade L'Épée foi um professor de língua de sinais. Ensinou aos surdos a língua visual, surgindo uma instituição para crianças surdas na França. Esta instituição tinha o objetivo de ensinar a primeira língua de sinais e desenvolver no surdo uma cultura própria, defendendo sua realidade de surdez, propiciando a comunicação entre surdos e ouvintes que sabiam a língua de sinais. A diferença é que os surdos utilizavam as mãos para se comunicar e não a oralização (PROBST, 2011, p. 4).

O principal objetivo do Abade era ensinar a comunidade surda a ler e escrever através da língua de sinais (gestos que se utilizava na época). Na mesma época o Alemão Samuel Heinick fundou na Alemanha, a primeira escola pública para crianças surdas utilizando o método oral, “que acreditava ser o ensino da língua oral, e a rejeição à língua de sinais, a situação ideal para integrar o surdo na comunidade geral” (Goldefeld, 2002, p.29). Os estudos mostram que L’Epée teve 75 alunos surdos no ensino da língua de sinais e Heinick 9 alunos surdos no ensino da língua oral.

Um outro defensor do oralismo foi Alexander Graham Bell, isso devido a sua esposa ter ficado surda. Ele tentou por inúmeras vezes criar um aparelho auditivo para sua esposa, porém não obteve sucesso. Sobre o mesmo tema, um dos maiores eventos sobre a educação de surdos foi o Congresso de Milão em 1880, na Itália, onde houve a proibição do uso da língua de sinais nas escolas e em todos os espaços da sociedade, no mundo todo. Graham Bell foi um importante personagem para esse acontecimento.

Goldfeld (2002) aborda que a Língua de Sinais deixa de ser utilizada no início do século XX, a educação de surdos passa a ser exercida através do método oralista, ocorrendo assim um grande declínio no nível de escolarização dos surdos. Porém, nem todos os surdos conseguiam oralizar, visto que muitos eram surdos profundos e não conseguiam utilizar o método oral, sendo excluídos da sociedade.

Com o passar dos anos e ineficácia do método oral, surgiu em meados de 1815, nos Estados Unidos da América, a Comunicação Total, a utilização dos sinais e da oralização.

No Brasil a Educação de Surdos iniciou em 1855, com a chegada do Surdo Hernest Huet, a convite do Imperador D. Pedro II. Começa, então, o ensino para surdos no país, em 26 de setembro de 1857. Huet fundou o Primeiro Instituto Nacional de Surdos-Mudos, no Rio de Janeiro, hoje conhecido como INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos.

Os surdos começaram a frequentar o INES em busca de uma formação, porém em “1911, o INES, seguindo a tendência mundial, estabeleceu o Oralismo Puro em todas as disciplinas. Mesmo assim a língua de Sinais sobreviveu em sala de aula até 1957” (Goldefeld, 2002, p. 32). Mesmo com a

proibição os surdos utilizam a língua de Sinais de forma escondida, em suas atividades de marcenaria, nos dormitórios e oficinas.

A Comunicação Total no Brasil foi desenvolvida em meados de 1960, após o fracasso de Oralismo puro para muitos sujeitos surdos, que não tiveram o sucesso esperado na leitura de lábios e emissão de palavras.

O método oralista e comunicação total negam a língua natural das pessoas surdas e trazem muitas perdas importantes nos aspectos cognitivos, socioafetivos, linguístico, político, cultural e principalmente no desenvolvimento da linguagem e aprendizagem do sujeito surdo. Na década de 80, surge o Bilinguismo, como proposta para a educação de surdos. Essa linha teórica defende que o aprendizado da Língua sinalizada deve anteceder o da Língua majoritária do País, utilizada na comunidade a qual o surdo pertence.

No ano de 2002 a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS foi regulamentada como segunda língua oficial do Brasil, através da Lei 10.436 de 24 de abril, abordando em seu parágrafo único: “A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”.

Em 2005 tem a aprovação do Decreto Federal no 5.626, de 22 de dezembro, que estabeleceu, entre outros assuntos, a obrigatoriedade das escolas possibilitarem aos alunos surdos uma educação bilíngue, na qual a Língua Brasileira de Sinais é a primeira língua e a Língua Portuguesa é a segunda, trazendo a língua de sinais para a educação depois de quase cem anos de proibição.

Com base nas políticas públicas de inclusão voltados para o aluno surdo, foram-se abrindo caminhos para a educação bilíngue para os surdos e a aceitação da existência de uma "cultura surda"; incluindo-se aí a presença do interprete de Libras em sala, escolas bilíngues, instrutores surdos e as salas de aulas inclusivas. O Surdo inserido na sala de aula regular, com a presença do instrutor ou interprete de Libras, aprende a Libras e o português na modalidade escrita.

3. PEDAGOGIA SURDA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A palavra pedagogia vem do grego paidós (criança) e agogé (condução). Na Grécia antiga eram assim chamados os pedagogos aqueles que conduziam as crianças aos locais de estudos para terem aulas com os filósofos. A

pedagogia é o que conduz o saber, são os pedagogos os primeiros educadores na vida escolar institucional.

A pedagogia hoje está presente em diversos campos da sociedade, como no hospital, na empresa, na escola, abrangendo diversos públicos. Com metodologias diversas, recursos pedagógicos inovadores, envolvendo todo o seu público, mediante o público de alunos surdos, surgiu a Pedagogia Surda.

A pedagogia surda surgiu dos movimentos sociais do povo surdo, dos estudos culturais e sociais dos surdos, onde busca valorizar a língua em espaço visual, a língua de sinais, a cultura e identidade surda. Perlin (2006, p. 5) diz que:

(...) uma ruptura no universo teórico da educação que detém o modelo ouvinte. A transgressão pedagógica que realizamos não nos apavora, mas nos identifica e nos dá a sensação de que é isso que queremos. De fato, alguns aspectos cambiantes fazem desaparecer a pedagogia ouvinte de tal forma presente nos discursos narrativos fruto de agências coloniais.

A pedagogia surda, que Perlin (2006) chama de pedagogia da diferença surda, vem renovar a pedagogia tradicional, o modo tradicionalista de ensinar o surdo, busca enfatizar a cultura e comunidade surda.

Esse conceito exprime acontecimentos não essenciais e relativos a situações vividas, politizadas pelos grupos sociais, como no nosso caso em que a pedagogia dos surdos se impõe para o resgate, a necessidade em vistas à subjetividade do sujeito surdo e à consistência do povo, uma necessidade estratégica a um “devir outro”. Uma pedagogia que vise um ato inaugural do surdo, o outro, surdo no seu ser surdo, que mantenha na diferença. (PERLIN, 2006, p.2).

Essa pedagogia busca abordar o Ser surdo de forma natural, envolvendo sua cultura e suas características, abordando a língua de forma visual-espacial, trabalhando a língua de sinais sempre como primeira língua para o surdo.

A metodologia utilizada com alunos ouvintes, não deve ser a mesma com alunos surdos, as forma de aquisição de conhecimento são diferentes, que ultrapassa a forma que se comunicam. Não é apenas ter o alfabeto manual em sala, a presença do interprete ou instrutor de Libras, o surdo precisa ter a sua cultura inserida no processo de aprendizagem, visto que o seu mundo é visual, a sua língua é visual, é necessário que os alunos surdos tenham contato com

professores surdos, para que eles se sintam confiantes e não se sintam sozinhos no meio de pessoas ouvintes.

A pedagogia surda vem com o objetivo de traçar novos horizontes na educação de surdos, sendo que o principal meio de comunicação é através da língua de Sinais, como fator pedagógico primordial no processo de ensino e aprendizagem.

Visualizar uma escola plural, em que todos que a integram tenham a “possibilidade de libertação”, é pensar uma nova estrutura. Para tanto, é necessário um currículo que rompa com as barreiras sociais, políticas e econômicas e passe a tratar os sujeitos como cidadãos produtores e produtos de uma cultura(...). Pouco, adianta a presença de surdos se a escola ignora sua condição histórica, cultural e social (MACHADO, 2008, p.78).

Apesar dos avanços nas políticas linguísticas e educacionais quanto ao uso da língua de sinais, como a recente publicação do Decreto nº. 5.626 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei n.º10.436 de abril de 2002, a meta das políticas públicas na área da educação de surdos continua a mesma: alfabetizar o surdo em português junto com os ouvintes e não a partir de sua língua e cultura.

Como abordado o melhor caminho para o aprendizado do surdo é através de uma pedagogia surda, porém a Legislação citada acima aborda que a língua portuguesa é obrigatório para no ensino para surdos (BRASIL, 2002). É necessário que os professores junto com os interpretes criem estratégias de ensino para que o surdo permaneça incluído e que a estrutura linguística do surdo e a gramática do surdo seja aceita pelos professores de língua portuguesa.

4. INTERPRETE DE LIBRAS E OS DESAFIOS EM SALA

Através das políticas públicas de inclusão, foi possível a regulamentação do profissional interprete de Libras através da Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Esse profissional começou a ser inserido em vários ambientes, inclusive no âmbito educacional, sendo conhecido como Interprete Educacional – IL (Lacerda, 2014).

A formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras-Língua Portuguesa. Conforme art. 18 da Lei nº 10.436 de 2002: “Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a

formação de tradutor e intérprete de Libras Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de: I cursos de educação profissional; II - cursos de extensão universitária; e III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação” (Brasil, 2002).

Esse profissional é o mediador em sala de aula, entre a língua dominante no ambiente educacional e a língua de sinais. É o responsável pela comunicação entre os surdos e a comunidade ouvinte.

A interpretação sempre envolve as línguas faladas/sinalizadas, ou seja, nas modalidades orais-auditivas e visuais-espaciais. Assim, poder-se-á ter a interpretação da língua de sinais para a língua falada e vice-versa, da língua falada para a língua de sinais. Vale destacar que o termo tradutor é usado de forma mais generalizada e inclui o termo interpretação. (QUADROS, 2004, p. 9)

O intérprete de Língua de Sinais passou, então, a ser considerado como um meio de tornar real uma proposta educacional bilíngue, na qual a presença de um profissional fluente em Língua de Sinais é essencial. Entretanto, inúmeras são as dificuldades encontradas no trabalho conjunto de professores e intérpretes, com os alunos surdos e ouvintes, principalmente referente a aquisição da segunda língua do surdo, a língua portuguesa.

(...) o papel do intérprete em sala de aula acaba sendo confundido com o papel do professor. Os alunos dirigem questões diretamente ao intérprete, comentam e travam discussões em relação aos tópicos abordados com o intérprete e não com o professor. O próprio professor delega ao intérprete a responsabilidade de assumir o ensino dos conteúdos desenvolvidos em aula ao intérprete. Muitas vezes, o professor consulta o intérprete a respeito do desenvolvimento do aluno surdo, como sendo ele a pessoa mais indicada a dar um parecer a respeito. O intérprete, por sua vez, se assume todos os papéis delegados por parte dos professores e alunos, acaba sendo sobrecarregado e, também, acaba por confundir o seu papel dentro do processo educacional, um papel que está sendo constituído. (QUADROS, 2004, p. 60)

Assim, o interprete não pode assumir a responsabilidade do professor, deve incentivar o aluno a expor as dúvidas ao professor regente, deverá fazer a interpretação ao docente, para que ele (o docente) perceba e entenda que o aluno é dele e que precisa ter um conhecimento da língua desse discente.

As dúvidas com a disciplina de língua portuguesa são constantes por parte dos alunos surdos, visto que ela tem uma gramática diferente da Língua de sinais. O interprete precisa no momento para a interpretação para fazer essas mudanças e ensinar ao discente surdo a forma como o professor está abordando o conteúdo em sala. Porém é necessário que o docente compreenda essa diferença linguística entre as línguas e que no momento das atividades seja compreendida e aceita por parte do professor.

No artigo 1º da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, no parágrafo único diz:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Logo, como a língua portuguesa e todas as línguas orais, a Libras também tem sua estrutura gramatical própria como aborda a Lei citada anteriormente. No entanto, saber se esse aluno já tem um conhecimento básico do português e colocar esse conhecimento em prática no momento das atividades é um dos desafios para o IL no processo de transmissão para o aluno surdo.

Muitos surdos sentem dificuldade no processo de aquisição da língua portuguesa, por conta das regras gramaticais e da diferenciação com a estrutura linguística da Libras. A libras utiliza-se muito de sinais icônicos para que o surdo compreenda o enunciado, já o português possui muitos termos abstratos de difícil compreensão para o surdo.

Assim, como a gramática convencional é entendida como conjunto de regras necessárias que o indivíduo deva seguir na estruturação de textos, tais como: Morfologia, sintaxe, coesão e coerência, acrescentando nesse repertório à fonologia, a semântica e a pragmática, a gramática de LIBRAS, também, possui regras para estruturação de textos, similares e contrativa com a gramática da Língua Portuguesa, relacionadas à morfologia, coesão, coerência e semântica, conforme afirma (QUADROS, 2007 apud KATO, 1988).

Existem algumas diferenças entre a Libras e a língua portuguesa, porém é fundamental que o interprete de Libras conheça bem as duas línguas e se aproprie das duas gramáticas, para que no momento da interpretação consiga

fazer boas escolhas linguísticas e que o surdo consiga compreender o que está sendo abordado pelo professor.

O Interprete Educacional – IE precisa sempre está atualizado com os sinais em Libras e sempre buscar capacitações, visto que a língua permanece em constantes mudanças. O IE precisa conhecer os sinais das diversas disciplinas e compreender todos os assuntos que os professores estão abordando; para isso é importante que os docentes sempre planejem e organizem suas aulas junto com o profissional, para o que sejam buscadas as melhores estratégias pedagógicas para as disciplinas abordadas.

Infelizmente os alunos ainda não estão realmente incluídos em sala, visto que muitas vezes essa falta de comunicação entre os profissionais atrapalha o desenvolvimento educacional do surdo. O interprete tem contato com os conteúdos apenas no momento da aula, impossibilitando de procurar estratégias de ensino adequada para explicar ao discente e a falta de comunicação entre surdos e professores e colegas de sala é uma outra dificuldade no processo linguístico do aluno surdo, já que nem sempre o profissional estará presente com o aluno surdo.

5. METODOLOGIA

Para a ampliação desta pesquisa foi realizada uma pesquisa bibliográfica utilizando-se de teóricos renomados da área, como também a utilização da internet pelo Google Acadêmico, através de pesquisas em revistas acadêmicas, artigos científicos e também aplicação de um questionário com perguntas referente ao assunto abordado para a intérprete de Libras de uma escola da rede estadual de Parnaíba-PI, que trabalha com 2 surdos em uma turma de ensino médio. A pesquisa é um estudo de caso acerca das dificuldades e estratégias desse profissional com a disciplina de Português como segunda língua para o surdo.

Para realização da pesquisa, além do levantamento bibliográfico, foi realizado uma pesquisa, utilizando-se do aplicativo WhatsApp, visto que no momento não é possível realizar pesquisa de campo, por conta da Pandemia da Covid-19 (Corona Vírus); logo, todas as escolas estaduais estão seguindo a portaria Nº 109 / 2020 no artigo 1º, que aborda a suspensão das aulas e o decreto Estadual Nº 18.913 /2020 que estabeleceu em seu artigo 1º a prorrogação de suspensão das aulas da rede pública estadual.

A escola que os alunos surdos estão matriculados faz parte da rede estadual de ensino de Parnaíba – PI, no qual eles estão sendo assistidos pelos professores e interprete de Libras, através de grupos no aplicativo WhatsApp e grupos de estudos.

Esta unidade escolar sempre tem alunos surdos matriculados e sempre acompanhados pelo profissional intérprete, e também sempre busca inserir os alunos surdos em suas atividades pedagógicas.

A pesquisa foi realizada com uma interprete de Libras, no qual foi aplicado uma entrevista com perguntas abertas e fechadas e em seguida feita a análise dos resultados e refletida com a opinião dos autores renomados da área.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ensino de língua portuguesa é muito importante para o surdo, visto que é a segunda língua dele no Brasil. Com isso surgiu a curiosidade de saber como é trabalhado essa disciplina no período de Pandemia. Para isso foi realizado um estudo de caso na cidade de Parnaíba-PI.

Os primeiros questionamentos foram acerca da formação e o tempo de formação da interprete de Libras, ao que ela respondeu: “Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, duração de 4 ano e 6 meses”. E o segundo questionamento foi sobre se ela teve a disciplina de Libras na formação acadêmica. A resposta foi a seguinte: “Sim, está na grade curricular com 60h”. Percebe-se na resposta da entrevistada, que é uma disciplina de curta duração, e sendo um curso de formação de professores, não é o suficiente para uma formação pedagógica inclusiva.

O próximo questionamento foi: Você já teve algum tipo de formação fornecido pela instituição de ensino que você trabalha (1º GRE)? “Não. Já teve a disponibilidade do Curso de Libras feito pela a Regional de Teresina, mas só dois professores das escolas que poderiam participar, os interpretes não podiam”. É necessário, portanto, uma formação continuada para os professores e interpretes de Libras, visto que é uma língua viva e está em constante mudança. A LDB 9.394, por sua vez, garante condições para o acesso, permanência, participação e aprendizagem dos estudantes com deficiência. Todo aluno com deficiência tem direito à educação na rede regular de ensino, e

os professores e interpretes precisam estar em constante formação, para um melhor atendimento e ensino aos alunos surdos.

Outro questionamento foi se nesse período de pandemia a profissional fez algum curso na área que está atuando (interprete educacional). A Intérprete respondeu que: “Sim, assisto alguns vídeos da Uníntese e algumas lives no instagram sobre a área”.

É um período muito difícil para todos, porém é necessário manter-se ativo, aproveitando as oportunidades disponíveis na internet. O que a entrevistada citou vai ao encontro do que Oliveira diz:

[...] O intérprete educacional deve estar sempre estudando e se atualizando para obter uma boa interpretação nas aulas e nas diferentes disciplinas, pois há muitos termos específicos dentro das disciplinas de Biologia, Química, Filosofia que não têm sinais na libras, e, para o intérprete, conhecendo seus significados torna-se mais fácil explicar para os alunos a forma de combinarem um sinal entre si para estes termos (OLIVEIRA, 2012, p.100).

O interprete precisa conhecer os novos sinais, as novas metodologias de ensino, para repassar para o aluno no momento da interpretação, embora sejam notórias as dificuldades existentes no âmbito da interpretação educacional. Com isso surgiu o questionamento: Quais os maiores desafios que você enfrenta no processo de ensino e aprendizagem com os alunos surdos na disciplina de portuguesa nesse período de pandemia? A resposta obtida pela interprete foi a seguinte:

Com o distanciamento social as aulas tiveram que ser online, o primeiro desafio é o rendimento que não têm por ser aulas online, algumas coisas são perdidas no meio do processo por falta de material concreto que faça com que compreenda melhor, com isso no ensino da língua portuguesa para o ensino médio é voltado para as palavras do contexto dos assuntos de literatura, usamos estratégias de imagens, vídeos, palavras escritas que contem em poemas mas que tenha sentido para o surdo usando sempre a internet como ferramenta de compreensão (INTERPRETE DE LIBRAS, 2020).

Analisando a resposta é notório que as novas tecnologias são fundamentais nesse processo de compreensão das palavras para o aluno surdo; são necessárias estratégias de ensino para que o discente seja incluído nessas aulas remotas, como bem abordado na resposta da profissional.

Outro questionamento foi: A professora de língua portuguesa lhe repassa com antecedência o material que será trabalhado com a turma? “Sim, não só a de Língua, mas todos os professores da sala. Porém foi a pedido meu, pois nenhum professor estava enviando até o meu pedido. Algumas aulas são adaptadas para compreensão melhor do assunto”. É fundamental essa parceria entre professor e interprete de Libras, porém os professores precisam ter consciência que o aluno é deles e não do interprete.

Em seguida foi questionado: Você acompanha as aulas remotas com os alunos surdos? “Sim, temos um grupo no whatsapp no qual as aulas são expostas ministradas lá, mas como tenho acesso ao material antes, no horário da aula disponibilizo o material para eles no grupo privado que temos somente os 3”. É importante essa interação entre interprete e os alunos surdos, porém também é necessário a presença dos professores, para que aconteçam um acompanhamento por parte deles.

Também se fez o questionamento: Quais as estratégias que você utiliza na interpretação da disciplina de língua portuguesa? A resposta foi a seguinte:

A interação aluno e intérprete é sempre forte e a área de visualização do surdo é a parte mais importante desse processo, porém com o distanciamento social as aulas via vídeo então apresento o contexto da literatura juntamente com a língua portuguesa através de imagens, vídeos, poemas. Explico como era na época e todo o seu contexto poético e passamos para a parte da língua com análise de poemas simples com palavras que tenham sentido para o surdo associando então palavra, imagem e contexto poético (INTERPRETE DE LIBRAS, 2020).

De acordo com a entrevistada, existe uma grande dificuldade nos processos de ensino e aprendizado da disciplina, por conta da falta de contato físico. Assim, os alunos precisam de um esforço maior para pesquisarem os conteúdos e estudarem. Porém, quando surge alguma dúvida, pelo que foi abordado, é a própria interprete que responde os questionamentos dos alunos, visto que não tem a presença do professor da disciplina no momento do contato com os alunos surdos.

Com isso vem o questionamento se a interprete utiliza algum recurso tecnológico para auxiliar no processo de interpretação na disciplina de língua portuguesa. A resposta foi: “Sim, a internet virou a melhor ferramenta para trabalhar com imagens, associação de palavras e imagens, jogos educativos

para surdos que contêm imagens e sinalização simultânea na apresentação da imagem”.

É importante o uso de recursos pedagógicos visuais, pois facilita na compreensão dos conteúdos. O uso de imagens, vídeos sinalizados, faz com que o surdo, tenha curiosidade e aprimore-se dos conteúdos exposto. Segundo (CYSNEIROS 2012, p.16):

[...] Para utilizar as tecnologias como recurso em aula, fazendo com que o aproveitamento do aluno seja eficiente, o professor poderá tornar as aulas mais atraentes se utilizar os recursos fornecidos pela tecnologia que vão de encontros com os instrumentos tecnológicos que o aluno leva para dentro da escola.

Com base nisso, questionou-se sobre: Você faz uso de algum material pedagógico para lhe auxiliar na interpretação para os alunos surdos? “Sim, mas muito raro, alguns jogos pedagógicos em ensino da língua portuguesa para surdos, mas como é via online só é mostrado imagens e escrita da palavra e o sinal eu faço”.

Como afirma Gonçalves e Festa (2013), é necessário que o professor e o interprete reconheça a importância da utilização de novas estratégias e métodos de ensino adequados às especificidades dos alunos surdos, visando criar condições para que este espaço da sala de aula promova inclusão escolar.

A próxima pergunta foi: Como acontece as resoluções de atividades, quando esses alunos surdos estão com alguma dúvida? Você repassa as dúvidas desses alunos ao professor e como acontece esse retorno aos alunos?

As atividades são efetuadas juntamente comigo, resolvemos juntos eu os questionando e eles respondendo, peço sempre que façam atividade objetivas que sejam somente para assinalar. No mas as dúvidas eles tiram comigo mesmo, pois estudo sempre os conteúdos antes, quando eu não consigo entender e responder, eu passo a dúvida para o professor e ele então me responde e eu o repasso as respostas (INTERPRETE DE LIBRAS, 2020).

Como afirma Schmitz (2014), o papel do intérprete é o de minimizar as dificuldades dos alunos surdos, uma vez que encontram uma desigualdade linguística. Entretanto, o professor deve ter a sensibilidade de manter uma comunicação com o aluno, sendo esta visual ou auxiliada pelo intérprete,

objetivando a integração do aluno surdo, não deixando a função de interação com o surdo, apenas com o interprete.

Uma outra pergunta foi: Na sua opinião os alunos estão conseguindo acompanhar as atividades de português? “Não, a falta do contato físico e a compreensão de perto faz com que os alunos percam a atenção rapidamente, por não está em “cima” o tempo inteiro para praticar a escrita, o sinal, eles acabam “relaxando” e não conseguem acompanhar diretamente”.

Logo, nesse momento de pandemia, fica muito difícil o acompanhamento pedagógico pelos professores e pelos interpretes, é necessário levar em consideração o momento, as condições tecnológicas dos alunos e o próprio momento cheios de sentimentos de ansiedade e insegurança. Deve-se incentivar os discentes a continuarem com esse contato virtual com a profissional de Libras e que tentem estudar de forma virtual.

Um próximo questionamento foi: Você acha importante esse momento com os alunos e o que você modificaria? “Acho válida toda forma de ensino, porém aulas online para surdo na minha concepção não é viável, eles perdem a atenção rapidamente com parentes chamando, alguma tv por perto ou até mesmo querendo conversar sobre outros assuntos”. Por a Libras ser uma língua visual, rapidamente algo que esteja sendo executado próximo ao local de estudo facilmente chamará atenção do aluno surdo, por isso é necessário um ambiente calmo e sem distrações no momento dos estudos.

Por fim, foi questionado: Como a escola faz esse acompanhamento com os alunos surdos?

As escola no mais não monitora nada, apenas foi repassado pela direção que as aulas retornarão e que eu “me virasse” para encontrar uma melhor didática para repassar as aulas para os alunos. A melhor estratégia que encontrei foi marcando aulas online por vídeo chamada. No mais depois disso, jamais fui procurada pela direção para saber se de fato essas aulas estão acontecendo. Alguns professores me procuram para saber como está sendo o rendimento das aulas (INTERPRETE DE LIBRAS, 2020).

É importante a participação ativa da escola nesse processo de ensino, pois para o aluno surdo, a escola também precisa criar estratégias de ensino e não sobrecarregar a profissional interprete de Libras. Zanata diz que a escola precisa:

Criar condições favoráveis ao ingresso e, principalmente, à permanência desse aluno na escola. Essa permanência deve ser

considerada não apenas em termos físicos e de socialização, mas deve ter o caráter real da função social da escola no que diz respeito ao desenvolvimento do educando (ZANATA, p.55, 2004).

Foi notório no decorrer da pesquisa que são grandes os desafios do intérprete de Libras educacional no período da pandemia: a falta de contato com o surdo em sala, dificuldade no processo de compreensão dos conteúdos e no processo de resoluções de atividades, como também dificuldade no processo de avaliação por parte dos docentes. Um outro problema é o retorno para a escola, visto que não tem ainda um ambiente virtual próprio da instituição. Como observado na fala da interprete a escola, não se faz um acompanhamento do trabalho do profissional, sendo que ele mesmo precisa criar suas próprias estratégias de ensino, para ministrar as aulas para os interpretes, invertendo assim os papeis.

7. CONCLUSÃO

A pesquisa: “Os desafios do TILS no processo de inclusão do aluno surdo nas aulas de língua portuguesa em tempos de pandemia”, relatou as dificuldades que esses profissionais tem no processo de interpretação e tradução com a disciplina de língua portuguesa no período de Pandemia, por conta da Covid-19.

A dificuldade no processo de interpretação no período de pandemia é grande, pela falta do contato com o surdo, que dificulta a interação entre surdos e intérpretes de Libras. Como observado, a falta de parceria da escola também é uma das dificuldades, visto que o profissional precisa desse apoio educacional para exercer a sua função.

A intérprete utiliza-se de várias estratégias de ensino, porém não é função dela educar o aluno surdo; o papel dela é apenas de intermediar a comunicação entre surdos e ouvintes. Damázio explica que: “Não cabe ao tradutor/intérprete a tutoria dos alunos com surdez e também é de fundamental importância que o professor e os alunos desenvolvam entre si interações sociais e habilidades comunicativas, de forma direta evitando-se sempre que o aluno com surdez, dependa totalmente do intérprete” (2007, p. 33). Por tanto, é necessário que o professor também participe dos momentos de interpretação com o aluno surdo, que interaja junto com o profissional de Libras. Para que

tudo isso se dê da melhor forma possível, minimizando as exclusões, toda ajuda se faz necessária.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Língua brasileira de sinais – LIBRAS. Brasília, 2002.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de Dezembro de 2005. Brasília, 2005. Língua brasileira de sinais – LIBRAS. Brasília, 2005.

BRASIL. **Lei nº 12.319**, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais - Libras. Brasília: Diário Oficial da União, 2010.

CYSNEYROS, Paulo Gileno. **Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora?** Uniandes, Lidico vol.12,2012.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Educação Escolar Inclusiva das Pessoas com Surdez a Escola Comum: Questões Polêmicas e Avanços Contemporâneos**. In: II Seminário Educação inclusiva: Direito à Diversidade, 2005, Brasília. Anais. Brasília: MEC, SEESP, 2005. p.108 -121.

GOLDFELD, Marcia. **A criança Surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 7. Ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GONÇALVES, H. B.; FESTA, P. S. V. **Metodologia do professor no ensino de alunos surdos. Ensaios Pedagógicos**. 2013. Disponível em:<http://www.opet.com.br/faculdade/revistapedagogia/pdf/n6/ARTIGO-PRISCILA.pdf> .

LACERDA, Cristina B. F. de. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental/ Cristina B. F. Lacerda**. – 6. Ed. – Porto Alegre: Mediação, 2014.

MACHADO, Paulo César. **A política educacional de Integração/Inclusão – Um olhar do egresso surdo**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.

OLIVEIRA, Fabiana B. **Desafios na inclusão dos surdos e o intérprete de Libras. Diálogos e saberes**. Mandaguari. V.8, n. 2012.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto; STROBEL, Karin. **Fundamentos da educação de surdos**. Florianópolis:UFSC, 2006.

PIAUÍ. **Decreto Nº 18.913 de 30 de Março de 2020**.Teresina - PI, 2020.

PIAUÍ. **Portaria SEDUC-PI/GSE/ADM Nº 109/2020**. Teresina-PI, 2020.

PIAUÍ. **Portaria SEDUC-PI/GSE/ADM Nº115/2020**. Teresina-PI, 2020.

PIAUÍ. **Portaria SEDUC-PI/GSE Nº228/2020**. Teresina-PI, 2020.

PROBST, Juliana Nunes. **A Língua Brasileira de Sinais (Libras) na comunicação de professores ouvintes e estudantes surdos**. Unochapecó. Curso de Pedagogia do 8º período. Chapecó – SC. 2011.

QUADROS, Ronice Müller de & PERLIN, Gladis. **Estudos Surdos** ed. Eletrônica, Ed. Arara Azul, 2007.

QUADROS. Ronice M. & KARNOPP, Lodenir B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos** – Porto Alegre: Artmede, 2004.

QUADROS. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SCHMITZ, A. **Acessibilidade para os alunos surdos. 2014**. Disponível em:<
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/20_14_unioeste_edespecial_pdp_alice_schmitz.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2020.

ZANATA, E. M. **Práticas Pedagógicas Inclusivas Para Alunos Surdos Numa Perspectiva Colaborativa**. Tese (Doutorado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos, 2005, p. 198.